UMA ANÁLISE DAS MARCAS DE ORALIDADE EM TEXTOS ESCRITOS DOS ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL [1]

Dinair Carla Lacerda Parente[2]

Viviane Braz Nogueira[3]

RESUMO

Este trabalho tem como intuito analisar as principais marcas de oralidade encontradas em textos escritos por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, do Município de Humaitá-AM. É fato que a oralidade e a escrita possibilitam ao ser humano expressar e propagar suas ideias e conhecimentos e por isso são modalidades essenciais para que o homem possa comunicar-se. Neste sentido, foi feito em um primeiro momento uma pesquisa bibliográfica embasada em autores como Marcuschi (2010), Elias (2010), Petter (2011), Saussure (1969), entre outros. Em seguida foi feita uma pesquisa qualitativa fundamentada por meio de uma sequência didática aplicada para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental e por fim a análise dos dados obtidos durante a coleta. Chegou-se à conclusão que os alunos da supracitada série apresentaram marcas de oralidade em seus textos escritos, o que requer que professores de Língua Portuguesa reflitam sobre a importância do ensino da escrita, da oralidade e das variedades linguísticas em sala de aula.

Palavras-chaves: Escrita, Língua Portuguesa, Oralidade.

ABSTRACT

This work has the aim to analyze the main orality marks found in texts written by students of the 7th grade of junior education, in the municipality Humaitá-AM. It is a fact that orality and writing enable human beings to express and propagate their ideas and knowledge and therefore they are essential modalities for man to be able to communicate. In this sense, a bibliographical research was done based on authors such as Marcuschi (2010), Elias (2010), Petter (2011), Saussure (1969), among others. Next, a qualitative research was done based on a didactic sequence applied to 7th grade students and finally the analysis of the data obtained during the collection. It was concluded that the students of the aforementioned series presented orality marks in their written texts, which requires that Portuguese language teachers reflect on the importance of teaching writing, orality and linguistic varieties in the classroom.

Keywords: Writing, Portuguese Language, Orality.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho com o tema “Uma análise das marcas de oralidade em textos escritos dos alunos do 7° ano do Ensino Fundamental” tem como objetivo analisar as principais marcas de oralidade encontradas nos textos escritos de alunos de 7º ano do Ensino Fundamental.

[1]Trabalho final de Conclusão de Curso (TCC).

[2]Acadêmica do Curso de Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Universidade Federal do Amazonas;

[3]Orientadora e Professora Mestre do Instituto de educação, Agricultura e Ambiente – IEAA, Multicampi da Universidade Federal do Amazonas;

Nesse sentido, constata-se que tanto a oralidade quanto a escrita são práticas sociais e portanto, devem ser tratadas com a mesma importância nas aulas de Língua Portuguesa, pois como afirma Marcuschi (2010, p. 17) “oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”.

Sob esse olhar “oralidade é uma pratica social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora, que vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso” (MARCUSCHI, 2010, p. 25). Já a escrita “tem sido vista como estrutura complexa, formal e abstrata” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2009, p. 9), no entanto, é evidente que a língua escrita é mais valorizada quando se trata do ensino da Língua Portuguesa na escola.

Essa pesquisa tem natureza qualitativa e foi dividida em três etapas: primeiramente foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, logo em seguida aplicou-se uma sequência didática em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental por meio de leitura e produção textual, e a última etapa consistiu na análise de textos produzidos pelos referidos discentes. Para o embasamento teórico deste trabalho foram utilizados autores como: Marcuschi (2010), Elias (2010), Petter (2011), Minayo (2010), Saussure (1969), entre outros.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Linguagem, Língua e Fala

Muitas são as discussões e estudos a respeito da linguagem, língua e fala. No que se refere a linguagem Benveniste (1991, p. 288) assinala que “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, assim ela tem sido objeto de estudo para o homem entender o mundo da linguagem a sua volta em todos seus aspectos.

Nesse sentindo, “durante algum tempo muitos estudiosos acreditavam que a linguagem era um meio de representar somente os pensamentos, sem ter ligação nenhuma com formação linguística” (PETTER, 2011, p. 25), no entanto, fica evidente que a linguagem é a mais rica forma de arte humana, uma vez que, esta nos distingue de outros animais e nos constitui como sujeitos sociais e culturais.

Assim, a linguagem é “heteróclita e multifacetada” (SAUSSURE, 1969, p. 17), ou seja, a linguagem depende da criação humana, está sempre aberta a mudanças e modificações. Sob esse olhar o PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 22) assinala que,

> A linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes (PCN, 1998, p.22).

Pela linguagem o sujeito comunica-se e se mantém atualizado aos acontecimentos do mundo. Confirma-se assim, o fato de que a linguagem sempre exerceu grande influência sobre o homem, pois, é através dela que o mesmo interagi dentro da sociedade, ao expressar suas ideias, seus pensamentos e ao construir sua vida social, ou seja, a linguagem é um processo social, interativo e dialógico.

Nesta perspectiva, o PCN (1998, p. 22) destaca ainda que,

> Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias – ainda que possam ser inconscientes -, mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado.

Percebe-se que a linguagem faz parte das necessidades básicas da vida humana, e está sempre presente no nosso dia a dia, quer seja a linguagem verbal, quer seja a linguagem não-verbal, ou expressões corporais. Utilizamos palavras para nos comunicarmos como amigos, familiares, ambas são habilidades, as quais o ser humano utiliza para interagir um com o outro. É fato notar também que todas as linguagens (verbais ou não verbais) compartilham características muito importantes que influenciarão no ensino da Língua Portuguesa na escola.

Já a língua “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. [...] É a parte social da linguagem”. (SAUSSURE, 1969, p. 17)

Durante muito tempo compreendeu-se a língua apenas como um conjunto de signos, ou seja, como um processo combinatório, um conjunto de código utilizado entre elementos de uma mesma comunidade e assim, seguindo um mesmo padrão.

No entanto, como destaca Callou e Leite (1990), a língua é dinâmica por sua natureza e está sujeita as modificações. Em qualquer momento, quando se combinam elementos para formar palavras ou frases, ocorre uma série de modificações, determinadas por fatores fonéticos.

A língua como sabemos possui característica do homem enquanto ser social, e sendo assim, com o decorrer da história e desenvolvimento da humanidade a língua sofre evolução. E perante a sociedade nos dias atuais, no mundo globalizado de hoje, a língua sempre vai evoluir.

Segundo o PCN (1998, p. 21) de Língua Portuguesa, "o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento".

Neste contexto, Saussure (1969) também destaca que a língua é essencial para a comunicação e que esta assim como a linguagem também representa os pensamentos humanos, isto é, a língua pode fazer referência ao idioma e ao meio verbal pertencente à humanidade. Como visto, por meio da a língua o ser humano se expressa no meio social.

No que diz respeito a fala Saussure (1969, p. 17) afirma que "a fala é um ato individual; resulta das combinações feitas pelo sujeito falante utilizando o código da língua, junto com a expressão dos mecanismos psicofísicos (atos de fonação) necessários à produção dessas combinações".

Dessa forma, a fala é individual e espontânea no que se refere a escrita, pois pode variar de acordo com a situação comunicativa podendo ser mais formal ou informal, já que cada indivíduo tem seu jeito próprio de se manifestar dentro de um grupo social.

Nas palavras de Marcuschi (2010, p. 25);

> A fala seria uma forma de produções textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade de uma oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e da mímica.

Segundo Marcuschi (2010) a fala utiliza o vocabulário para retratar ações, há também os programas linguísticos, como por exemplo, a entonação de voz, sinais, intercâmbio com

o meio, reações diversas. O intuito da fala é de repassar suas ideias, com a intenção de levar sua opinião para quem ouviu, não havendo a preocupação em se pôr todos os acentos e vírgulas, pelo simples motivo da entonação da voz ter a função de transmitir o significado para quem está ouvindo.

Saussure (1969) faz diferenciação entre língua e fala, a língua refere-se à estrutura linguística e a fala refere-se à utilização da língua, sendo que a fala é um processo de comunicação humana para todos seus parâmetros ideológicos e ações, ao falar o indivíduo faz uso de um conjunto de fatores que estão interligadas, mesmos que essas interligações sejam delicadas, como é o caso da língua, linguagem e fala em outros níveis de conceituação são vias de comunicabilidade e autenticidade linguística

2.2 Oralidade e escrita

De acordo com Silva (2012, p. 1-2) “a escrita e a oralidade são modalidades essenciais para a comunicação humana, elas possibilitam que o homem expresse e registre seus sentimentos, ideias e conceitos”, e desta forma nenhuma dessas modalidades podem ser priorizadas na escola, ao contrário devem ser tradas de forma igualitária.

Neste Contexto, a oralidade e escrita são instrumentos indispensáveis para o processo da comunicação do sujeito, levando em consideração o contexto social e cultural em que o mesmo está inserido, isto é, ambas sofrerão alterações ao longo do tempo.

De acordo com Marcuschi a oralidade (2010, p. 250),

> [...] é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. Uma sociedade pode ser totalmente oral ou de oralidade escrita secundaria [...].

Percebe-se que a oralidade se constrói no ambiente familiar e vai até o ambiente mais complexo que seria o meio social. Cabe a escola mostrar aos alunos as mais diversas situações comunicativas, ou seja, mostrar os mais variados contextos de uso da língua oral que vai da informalidade para formalidade dependendo do contexto social vivenciado pelo aluno.

No que se refere a escrita, Marcushi, (2010, p. 16) assinala que,

> [...] após seu surgimento, a escrita passou a ser mais valorizada em relação a oralidade, e indispensável perante a sociedade e até mesmo "chegando a simbolizar educação" e nem o avanço da tecnologia deixou que a escrita ficasse para traz da oralidade, esses dois eixos caminham entrelaçados e é na escola que o indivíduo iniciará a escrita e partir dela que constituirá seu próprio texto.

Percebe-se que a escrita é uma atividade interativa ao meio cultural, pincipalmente no momento em que as pessoas se comunicam, por meio eletrônico como o *e-mail*, as cartas impressas, entre outros, são materiais utilizados para transmitir a comunicação por meio da escrita. E é através da mesma que o homem interagi com o outro mesmo estando longe, tornando-a uma produção textual discursiva realizada através de uma linguagem formal em diferentes contextos como aborda MARCUSCHI (2010, p. 26).

> A escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades matérias e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos). Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar a fala.

Compreende-se que a escrita tem uma "produção textual-discursiva" que aponta um fim comunicativo que se situam em um determinado plano letrado, sendo que sempre estará ligada a fala.

Tanto a oralidade quanto a escrita admitem que o indivíduo construa textos lógicos, e através da mesma será permitida uma construção e uma exposição. Assim afirma Marcuschi, (2010, p. 17) afirma que "Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais".

É importante observar que a oralidade e a escrita estão inseridas no espaço escolar, pois ambas possuem suas diferenças e seus valores, e são praticadas através de atividades realizadas entre o docente e aluno em sala de aula, mas para essa realização de interação do indivíduo ao meio social aconteça, faz-se necessário que os mesmos dominem a língua em diferentes contextos. PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 15) assinala,

> o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.

Fica claro que é através do domínio da oralidade e da escrita que o indivíduo construirá sua comunicação perante a sociedade, conforme destaca Castilho (2000, p. 67) “primeiro aprendemos falar, depois aprendemos escrever”, ou seja, tudo inicia a partir de um princípio, a fala, visto que a escrita na maioria das vezes só será desenvolvida no momento em que o aluno adentra o ambiente escolar. E essas modalidades caminharão juntas com a finalidade de construção da vida social do indivíduo.

A oralidade e a escrita possuem seus valores e sua importância, mas há uma grande dificuldade por parte dos alunos em diferenciá-las. Por exemplo, um aluno ao fazer uma redação construirá seu próprio texto, e por muitas vezes usa a linguagem oral durante a produção escrita. Nessa perspectiva, Cagliari (1993, p. 31) assinala que,

> Uma criança que escreve disi não está cometendo um erro de distração, mas transportando para o domínio da escrita algo que reflete sua percepção da fala. Isto é, a criança escreveu a palavra não segundo sua forma ortográfica, mas segundo o modo com ela pronuncia. Em outras palavras, fez uma transcrição fonética. Por outro lado, uma criança que leia a palavra disse dizendo duas silabas de duração igual está transportando para a fala algo que a escrita ortográfica insinua (ou que faz lembrar a fala artificial da professora...).

Fica evidente que o aluno ao construir sua narrativa haverá grande influência da língua falada no texto escrito como por exemplo “disi” que no pensamento da criança é escrito desde jeito sendo que está é uma transcrição fonética realizada na fala, mas que ao passar dessa forma para a escrita acaba sendo considerado erro pela escola.

2.3 A oralidade e o ensino de língua portuguesa

É fato que a escola deve e precisa valorizar a Língua oral sem deixar de lado a Língua Escrita, no entanto, cabe destacar que ainda hoje é fácil constatar nas aulas de Língua Portuguesa que o ensino da norma culta acaba se restringindo a escrita. Sob esse olhar Marcuschi (2010, p. 15) afirma que,

> não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. [...] Em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem a sua história e seu papel na sociedade.

A língua oral deve ser ensinada com a mesma prioridade com que a língua escrita é praticada na escola. Dessa forma, faz-se necessário que o educador tenha embasamento teórico e tenha plena consciência das variações linguísticas existentes na sociedade. De acordo com Elias (2011, p 32),

> Para a escola abrir suas portas efetivamente para o ingresso do trabalho como o oral, é necessário que o docente da área de Língua Portuguesa domine pressupostas teóricos [...] que lhe permitam refletir sobre o ensino da língua materna considerando as noções de variação e de mudança [...].

Seguindo esta linha de pensamento, para ensinar a língua materna é preciso que o educador tenha afinidade com as mudanças e variações linguísticas, para que o aluno não se sinta diferente quantos aos outros falantes.

É necessário que a oralidade seja um exercício constante nas escolas principalmente em sala de aula, mediando o interesse e a curiosidade, por esse motivo é que o ensino de Língua Portuguesa tem como principal finalidade qualificar os alunos proporcionando adequadamente o uso da língua, quer seja a oral, quer seja a escrita.

De acordo com PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 38-39)

> O desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente da escola ensinar-lhe diferentes situações. Portanto, é preciso ensinar ao aluno a utilizar adequadamente a linguagem em instancias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente. É fundamental que essa tarefa didática se organize de tal maneira que os alunos transitem das situações mais informais e coloquiais que já dominam ao entrar na escola a outras mais estruturadas e forais, para que possam conhecer seus modos de funcionamento e aprender a utilizá-las.

Sob essa perspectiva, fica evidente que o aluno deve ser levado a conhecer a formalidade e a informalidade da fala, tendo em vista os dialetos, as gírias, as variações que estão presentes no discurso do dia a dia, visto que assim o aprendiz perceberá as variações da língua falada.

Desse modo, faz-se necessários que a escola permita que o aluno tenha plena consciência da oralidade como uma prática social, que dependendo do contexto social no qual se encontra sua fala poderá ser modificada, o que o levará a constituir a identidade sócio cultural do falante.

Assim, para Elias (2011) no que concerne a análise de produções textuais e orais dentro da sala de aula, podem ser feitas por três vias do saber, a de “observar” o que é uma

análise de oralidade, da “fala para a escrita” que é o processo de retextualização, e a da “variação linguística”.

No que se refere ao ensino da oralidade percebe-se pequenos avanços como a preocupação de inserir a língua oral nos livros didáticos, porém há barreiras a serem ultrapassadas, é preciso que professores encontrem novas metodologias que proporcionem aos alunos variadas situações de prática da oralidade em sala de aula.

O PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 20) ao se referirem ao ensino da modalidade da oralidade, assinalam que “não se trata de ensinar a falar ou a fala “correta”, mas sim as falas adequadas ao contexto de uso”. Observa-se, então, que a língua falada está presente também nas pesquisas da Linguística dos dias atuais, sendo que nesse contexto a linguagem passa a ser vista como um aspecto da natureza humana, e cabe ao professor assumir o papel trabalhar com as variações linguísticas, esclarecendo ao aluno que não existe certo ou errado na comunicação oral, mas o adequado e o inadequado dependendo da situação na qual o falante se encontra.

Sob esse prisma, cabe ressaltar aqui que a partir do momento em que o ensino da oralidade estiver inserida completamente na sala de aula, como consequência positiva teremos o combate ao preconceito linguístico, pois segundo Leal, Brandão e Lima (2012, p. 18),

> Com vistas a combater o preconceito linguístico, podemos conduzir os alunos a realizar descrições das diferentes formas dialetais e reflexões dos fatores que provocam as diferenças nesses modos de falar. Tal tipo de reflexão, com certeza, precisa ser feito de modo paralelo ao debate sobre as relações entre oralidade e escrita, fazendo os estudantes perceberem que a fala é tão importante quanto a escrita e que também é regida por regularidades.

Assim, constata-se que combater o preconceito linguístico é democratizar o estudo da Língua Portuguesa, o que levará o aluno a interagir com a língua e a descobrir a riqueza e a diversidade de nossa língua materna.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, uma vez que foram consideradas as análises dos textos escritos pelos alunos do 7º ano da Escola Estadual Tancredo Neves localizada no município de Humaitá-AM.

De acordo com Minayo (2010, p. 43) “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, e não se baseia em critérios numéricos para garantir sua representatividade. Ela possui um nível de realidade que pode ou não ser quantificado. Em outras palavras ela trabalha com o universo dos significados”.

Assim a pesquisa foi realizada em três etapas, a saber: Primeiramente desenvolveu-se um estudo bibliográfico por meio de teóricos como, Marcuschi (2010), Elias (2010), Petter (2011), Minayo (2010) e Saussure (1969), entre outros, pois para Minayo (2010, p. 53) “a pesquisa bibliográfica coloca gente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte e interesse. Esse esforço em discutir ideias e pressupostos tem como lugar privilegiado de levantamento as bibliotecas, os centros especializados e arquivos”.

Logo em seguida, durante a segunda etapa que teve duração de uma semana foi aplicada uma sequência didática realizada em três (3) momentos: no primeiro momento, foram distribuídos O texto “Chão Varrido” para serem lidos e debatidos pelos alunos. No segundo momento, mostrou-se um vídeo e fez-se um debate com perguntas orais para os alunos sobre o tema tratado durante o vídeo. Já no terceiro momento, os alunos escreveram um texto sobre “Infância”, tema este baseado nas Olimpíadas de Língua Portuguesa.

E por fim, foi desenvolvida a análise dos textos escritos obtidos durante a aplicação da sequência didática. Nessa perspectiva, segundo Minayo (2010, p. 67), “acredita-se que a análise e a interpretação estão contidas no mesmo movimento: o olhar atentamente para os dados da pesquisa”.

É importante destacar que como os alunos do 7º ano não possuem maioridade os pais ou responsáveis dos supracitados discentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a análise dos textos escritos, desde que fossem preservados seus nomes.

4. ANÁLISE DE DADOS

Para realização desta pesquisa, primeiramente observou-se a rotina escolar das aulas de Língua Portuguesa de uma turma de 7º ano durante uma semana para averiguar as metodologias utilizadas pelo professor da disciplina durante as aulas, na qual constituíam-se em exposição de conteúdo, sendo seguida de questionamentos aos alunos, debates em sala de aula, bastantes leituras, produção de texto e exercícios com o auxílio do livro didático.

Durante esse curto período não foi difícil constatar que os alunos eram participativos e demostraram interesse pelos conteúdos trabalhados, sendo destaque a participação nas leituras feitas em sala de aula. No entanto, também verificou-se que apesar do empenho do professor os referidos alunos possuem dificuldades no que se refere a utilização da norma culta da língua.

Após a observação, houve o planejamento das atividades a serem aplicadas. Primeiramente foram analisados e escolhidos textos e vídeos que poderiam ser utilizados para a realização do exercício que serviria de base para análise da pesquisa aqui proposta. Após a pré-seleção foi feita a escolha final dos recursos metodológicos a serem utilizados durante a supracitada pesquisa.

Dessa forma, foram escolhidos o Texto "Chão Varrido" e vídeo com mesmo nome utilizado nas Olimpíadas de Língua Portuguesa no ano de 2010. A partir deles foi preparada uma sequência didática, ou seja, a elaboração de todas as atividades e metodologias a serem utilizadas com a finalidade de adquirir o corpus da análise.

De acordo com Dolz, Noverraz & Schneuwy (2004, p. 97),

> O procedimento sequência didática é um conjunto de atividades pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual. Estas tem o objetivo de dar acesso aos alunos a práticas de linguagens tipificadas, ou seja, de ajuda-los a dominar os diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade, preparando-os para saberem usar a língua nas mais variadas situações sociais, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler e escrever.

A sequência didática é um processo muito importante que pode facilitar a aprendizagem na disciplina de língua Portuguesa e essa metodologia facilita a interação entre professor e aluno em sala de aula, e que através deste método possibilita ao aluno de um novo olhar sobre seu papel no mundo.

Em seguida, aplicou-se a sequência didática elaborada aos alunos do 7º ano na seguinte ordem: Primeiro foi realizada a leitura silenciosa pelos alunos para que estes tivessem conhecimento do tema que seria abordado. Em seguida foi solicitado que cada um dos alunos lessem uma pequena parte do texto e por último a pesquisadora fez a leitura em voz alta para que todos os alunos acompanhassem.

Após essa leitura houve um momento de interação entre a pesquisadora e os alunos por meio de um debate, no qual os mesmos puderam opinar sobre suas impressões,

sentimentos, lembranças que foram despertadas após as leitura do texto. Este momento foi muito proveitoso pois, os alunos fizeram bastantes destaques a respeito do texto lido.

Dando sequência a atividade, foi passado um vídeo que tratava do assunto, na qual os alunos puderam conhecer as personagens reais da história lida. E após a apresentação do vídeo, houve uma interpretação oral feita pela pesquisadora. Durante esse período foi aberto um leque de questões sobre o assunto, por meio de um debate sobre o vídeo e o texto lido, o que ficou evidente o interesse dos alunos pelo tema abordado.

Depois do debate sobre o vídeo os alunos foram orientados a produzir um texto sobre o tema "Infância". Os textos dos foram recolhidos, e formaram o corpus dessa pesquisa com a finalidade de identificar as marcas da oralidade.

Após a leitura e análise foram identificadas as seguintes marcas de oralidade, apresentadas pela tabela a seguir.

7ª série	
Tipos de marcas	**Exemplos**
Troca de vogais por consoantes ou vice-versa.	[...] tentei ficar de pé no fogão ela me **tirol** de perto. (Texto 2). A minha mãe **melhorol** bastante. (Texto 7). [...] fui para o **hospitau** desacordado [...] (Texto 10). Na mata era muito legal muito **especiau.** (Texto 11) [...] minha mãe fez um remédio para ele ficar bom. E ele **melhorol.** (Texto 13) [...]um dia, uma tia minha foi avisar lá em casa que meu pai **falecel**. (Texto 13).
Repetições de palavras nas frases e marcadores conversacionais.	[...] queria muito saber nadar **daí** minha mãe me segurava **daí aprendi** e quando **aprendi** fiquei feliz. (Texto 1). [...] **então** eu gostava tanto dele **tanto**, **tanto** [...] (Texto 6). [...] gostava dele e não desistir, **daí** o tempo foi passando, **daí** ele fica falando para todos que gosto de mim. (Texto 6) [...] hoje **ela** não tem mais a doença que **ela** tinha. (Texto 7). [...]se passaram alguns meses **daí** comecei a falar com os meninos, **daí** tinha uma menina que eu não gostava. (Texto 18).
Acréscimo de vogais.	Eu gostava muito de lá **nois** tumava banho [...] (Texto 3). [...] eu era o mais **ingraçado** e sorridente por lá todo pessoal era meus parentes[...] (Texto 4)

	Quando a gente cai tem que se levantar pra mostrar que **nois** é forte. (Texto 10). [...] eu ia com ele para o rio pescar. **Nois** pesca muito, **nois** pegava muito peixes[...] (Texto 11). [...] hoje eu queria que ele estivesse aqui, para ajudar **nois** meus estudos[...] (Texto 12)
Troca de consoantes.	[...] de vez em **cuanto** ela e meu avô vão ao sitio. (Texto 3). [...] percebe que chorar e querer me matar não ia **traser** a minha mãe de volta [...] (Texto 8). [...] hoje eu **princo** com os meus amigos[...] (Texto 7) Eu gostava na minha infância de **princar** de casinha[...] (Texto 11) [...] nesse tempo, **costava** de brincar de muitas coisas[...] (Texto 14) Agora estou no 7ª ano cheio de **tristesa**. (Texto 14).
Ausência/omissão das vogais e supressão de consoantes.	[...]quando inteirei 10 anos a minha família veio **mora** para cidade[...] (Texto 4). [...] agente **chego** na cidade fomos atrás de lugar para a gente **mora** [...] (Texto 4). [...] minha mãe era uma guerreira fazia roupa pra nossas bonecas quando ela podia **compra** [...] (Texto 5) [...] minha mãe ia trabalhar e deixava nós três como nosso avô **chego** meio dia dava banho em nós e fazia almoço[...] (Texto 5)
Omissão de sílabas das palavras.	Na última vez que eu fui **tava** tudo alagado[...] (Texto 3). [...] o tempo foi se passando que eu **tava** ficando tão mau[...] (Texto 6). [...] agora **tou** feliz com a minha família. (Texto 7). [...] montei no touro me jogou chão pisou na minha cabeça e eu **tava** de capacete[...] (Texto 10). [...] hoje eu **tou** muito triste [...] (Texto 12). [...] agora eu **tou** grande e tenho que caminha como meus estudos[...] (Texto17).
Troca de vogais.	[...]**Tumava** banho. (Texto 3). [...] quando nós chegamos lá na roça tinha uma onça pintada **cumendo** um veado. (Texto 13).

Percebe-se que nos textos dos alunos foram encontradas várias ações da fala que foram transportadas para a escrita, ou seja, os alunos em algum momento escrevem expressões que são utilizadas no ato da fala, no qual fica percebível que a oralidade influencia na escrita e vice-versa. No que se refere a uma análise mais detalhada foi observado o seguinte:

a) Trocas de vogais por consoantes ou vice-versa.

Os seguintes textos 2, 7, 10, 11 e 13, escritos pelos alunos, foco desta pesquisa, apresentam trechos nos quais foram detectadas as trocas de vogais por consoantes ou vice-versa, como por exemplo, no texto 7, com o título "Na minha infância", apresenta a seguinte marca de oralidade na palavra **melhorol**.

Cabe destacar que a gramática normativa considera essa troca um "erro" ortográfico, no entanto, Bortoni-Ricardo (2005, p. 54) assinala que a maioria desses desvios "decorre das relações plurívocas entre fonema e letra", uma vez que a língua não é homogênea, pois possui variações linguísticas.

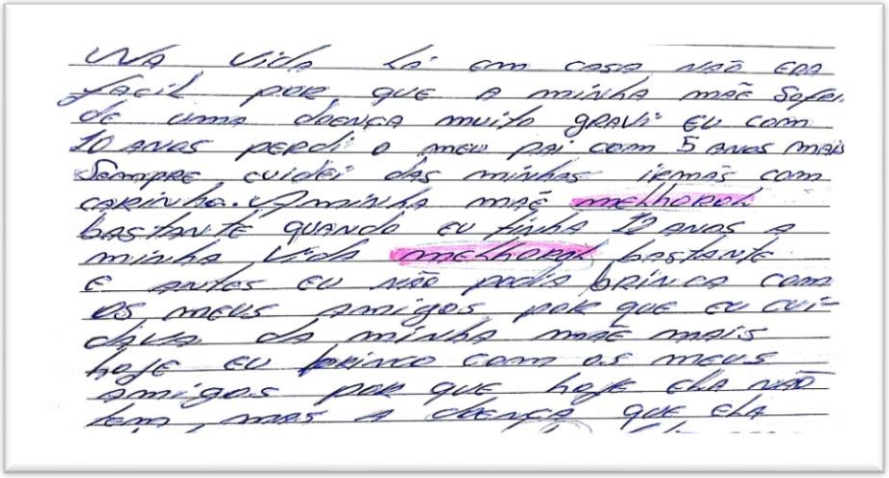

Na vida lá em casa não era
facil por que a minha mãe sofre
de uma doença muito grave eu com
10 anos perdi o meu pai com 5 anos mais
sempre cuidei das minhas irmãs com
carinho. A minha mãe melhorol
bastante quando eu tinha 10 anos a
minha vida melhorol bastante
e antes eu não podia brinca com
os meus amigos por que eu cui-
dava da minha mãe mais
hoje eu brinco com os meus
amigos por que hoje ela não
tem, mas a doença que ela

FIGURA 1: Texto 7 com o título "Na minha infância"

Nesse sentido, Souza *et al* (*apud* Oliveira, 1988, p. 03) destaca que "existem vários outros casos de poligamia e poliandria entre os sons e as letras, sendo que essas situações costumam trazer problemas de escrita para os alfabetizandos, que tendem a escrever como se fala".

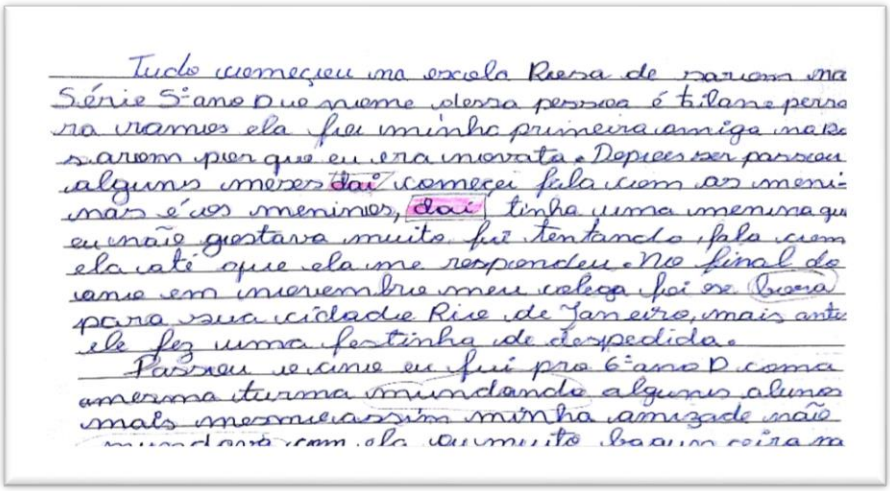
Pode-se perceber, que as trocas decorrem de fatores fonológicos, que se desenvolvem na língua falada, uma vez que a pronúncia dos sons são bem semelhantes, e desta maneira acabam por interferir na escrita. No entanto, cabe ao educador mostrar a existência das variedades da língua assim como, da nomenclatura gramatical brasileira, além de buscar metodologias que facilitem a compreensão do aluno e levá-los a entender diversidade linguística e fonológica existente.

b) Repetições de palavras nas frases e marcadores conversacionais.

De acordo com Marcuschi, (2010, p 79),

> uma das características da oralidade é a *repetição*, e essas repetições são eliminadas em conjunto com as redundâncias informacionais. E sendo que estes tipos de marcas correspondem clichês e gírias, que evidenciam de certa forma a falta de preocupação com a norma culta da língua, e a norma culta afirma que apesar de empobrecer esses recursos, desse ser levado em consideração que o aluno está em nas series iniciais, ou seja, está em constante aquisição de conhecimento.

Ao fazer a análise dos textos 1, 6, 7 e 18 percebeu-se que nas respectivas produções textuais foram encontradas várias repetições de palavras e marcadores conversacionais como por exemplo no texto 18 (Amizade) no qual, se observa a repetição da expressão **daí.**



Tudo começou na escola Riesa de sariom na
Série 5º ano D que nome dessa pessoa é tilane perso
na vamos ela fui minha primeira amiga nas
sarem por que eu era novata. Depois ser passou
alguns meses daí começei fala com as meni-
nas é os meninos, daí tinha uma menina qu
eu não gostava muito fui tentando fala com
ela até que ela me respondeu. No final do
ano em novembro meu colega foi se (bora)
para sua cidade Rio de Janeiro, mais ante
ele fez uma festinha de despedida.
Passou o ano eu fui pro 6º ano D com a
mesma turma mundando alguns alunos
mais mesmo assim minha amizade não
mundou com ela ou muito bom coisa

FIGURA 2: Texto 18 com o título "Amizade"

Sabe-se que na língua falada as coloquialidades são aceitas com naturalidade, no entanto, nos textos escritos palavras coloquiais são geralmente ignoradas e consideradas

erros de acordo com a norma culta, pois segundo estudiosos das regras gramaticais as produções textuais ficam empobrecidas comprometendo a harmonia do texto.

Nessa situação, o professor deve mostrar ao aluno que essas expressões fazem parte da linguagem oral do dia a dia, além de servirem para dinamizar a fala, podendo ser utilizado em textos menos formais, mas que devem ser evitados em produções escritas que exijam uma formalidade maior, além de destacar que as repetições não constituem erros gramaticais quer seja na fala, quer seja na escrita.

c) Acréscimo de vogais

Cagliari (1993, p.138-9) assinala que "O erro mais comum dos alunos é caracterizado por uma transcrição fonética da própria fala, ou seja, utilizar duas vogais em vez de uma, por usar na sua conversação um ditongo".

Nas produções textuais 3, 10, 11 e 12, encontrou-se acréscimo de vogais, como por exemplo no texto 11 "Na minha infância" que observou-se o acréscimo da vogal /**i**/ na palavra /**nós**/, visto que o aluno escreveu /**nóis**/.

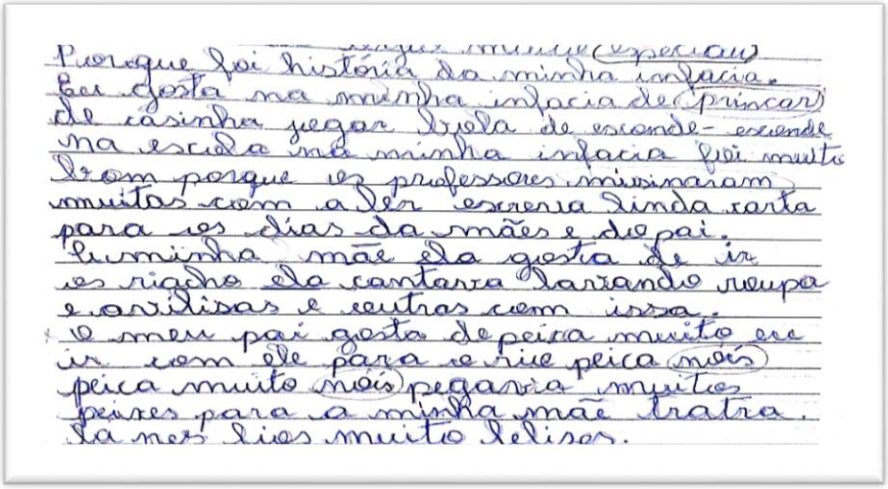

Porque foi historia da minha infacia.
Eu gosta na minha infacia de (princa)
de casinha pegar bola de esconde-esconde
na escola na minha infacia foi muito
bom porque os professores mandavam
muitos com a ler escreva linda carta
para os dias da mães e do pai.
Luminha mãe ela gosta de ir
os righo ela cantava bordando roupa
e avilisas e outras com issa.
e meu pai gosta de peica muito eu
ir com ele para o rio peica (nóis)
peica muito nóis pegavia muitos
peixes para a minha mãe tratra.
la nos lios muito felizes.

FIGURA 3: Texto 11 com o título "Na minha infância"

Bortoluzzi e Cristofolini (2013/2, p. 109 e 110) confirmam que "o acréscimo de letras ocorre, quando se acrescenta um fonema ou um grafema na palavra. Um exemplo a ser dado, nesse caso, pode ser a palavra "faculdade", na qual o aluno acrescentou um fonema /l/, grafando-a como "falculdade"".

Pode-se perceber que a ditongação da fala nos textos escritos são desvios muito comuns de alunos de séries iniciais, mas também cabe destacar que várias pesquisas educacionais mostram que esse acréscimo de vogais na escrita diminui conforme os alunos avançam nos estudos de Língua Portuguesa. Pode-se destacar também que a prática de leitura e de escrita de textos variados possibilitarão um melhor conhecimento linguístico para os alunos, que com a aquisição da maturidade linguística saberão discernir a língua oral da língua escrita.

d) Troca de consoantes.

No texto 3 “A coisa que eu sempre vou gosta” é que o aluno trocou a consoante /**q**/ pela consoante /**c**/. Nesta perspectiva, de acordo com Marcuschi e Dionísio (2007, p. 23) “o planejamento é quase simultâneo ao próprio surgimento da ideia a ser expressa. Na escrita, podemos ter troca de letras em erros de digitação e outros desse tipo sem que tenham o mesmo efeito que na fala”.

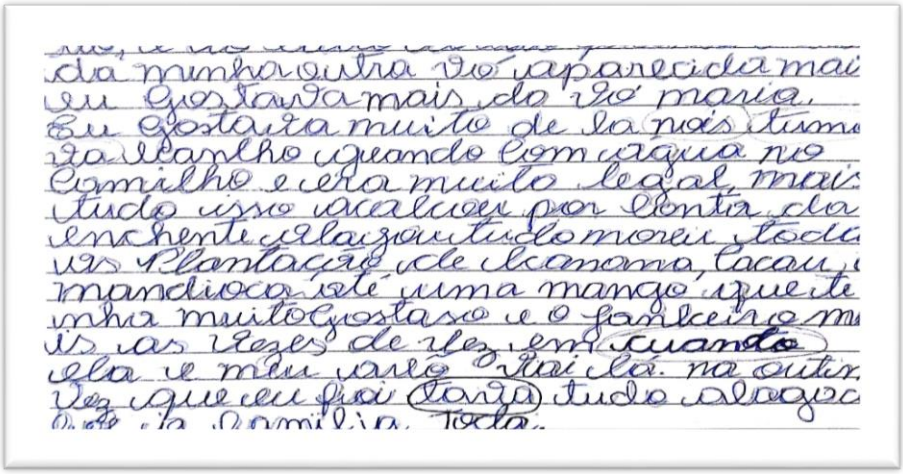


FIGURA 4: Texto 3 com o título “A coisa que eu sempre vou gosta”

Ao analisar o texto, concorda-se com Bagno (1999, p.126), que afirma que “[...] É importante notar que os “erros” de ortografia são constantes: troca de J por G, de S por Z, de CH por X e assim por diante - justamente por serem casos em que é necessário fazer uma análise da relação fala-escrita que excede os limites teóricos da suposta correspondência som-letra”.

Nota-se que foi encontrado no texto a troca de consoante, como por exemplo a palavra “**Cuando**” no momento da escrita o aluno trocou a consoante “**q**” pelo “**c**”, ou seja, o aluno escreveu da maneira como ele fala, confirmando a relação instável entre letra e som mostrada por Bagno(1999).

e) Ausência/omissão das vogais e supressão de consoantes.

Nos textos transcritos 4 e 5, percebe-se a ausência e/ou omissão das vogais e supressão de consoantes como por exemplo no texto 5 (Que vida incrível que eu tinha) na palavra “**chego**”.

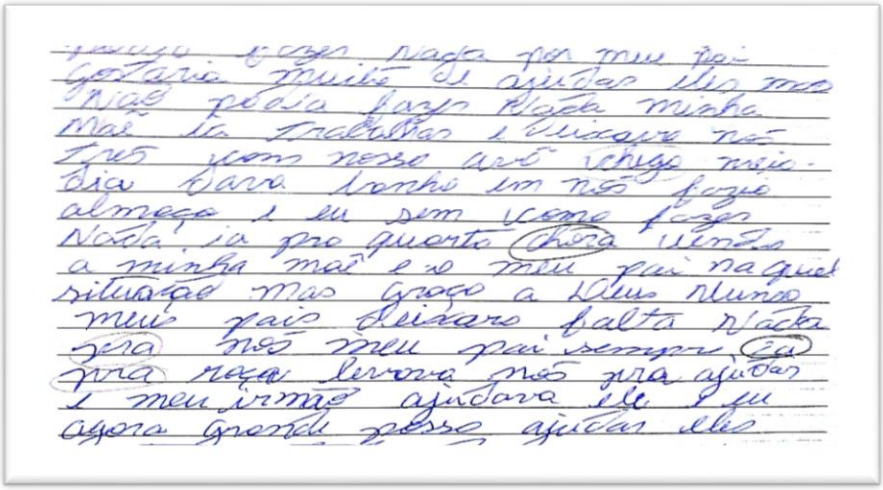


FIGURA 5: Texto 5 com o título “Que vida incrível que eu tinha”

No texto acima, podemos observar na produção textual analisada que encontrou-se várias palavras escritas com supressões de vogais ou consoantes, como por exemplo, nas palavras “**chego**”, “**compra**” e “**mora**” ao invés de “**chegou**”, “**comprar**” e “**morar**”. Nota-se que na grande maioria das vezes esses desvios acontecem pelo costume que os indivíduos possuem de não pronunciarem a palavra completa ou ainda pela rapidez com que a produção da oralidade acontece durante uma conversa ou um diálogo, deixando na escrita as suas marcas.

Nesse sentido, Bortoluzzi e Cristofolini (2013, p. 113) destacam que “a queda do /r/ de infinitivo, como em “trabalha”, é outra evidencia clara de influência da oralidade encontrada nos textos é o registro de gírias, sem que sejam contextualizadas, como por exemplo na expressão “de boa” [...]”.

f) Omissão de sílabas das palavras.

Nos seguintes textos 3, 6, 7, 10, 12 e 17, no decorrer das leituras foram analisados e identificados tipos de omissão de sílabas, como por exemplo no texto 17, com o título “Minha família”, onde o aluno escreveu a palavra “**tava**” ao invés da palavra “**estava**”.

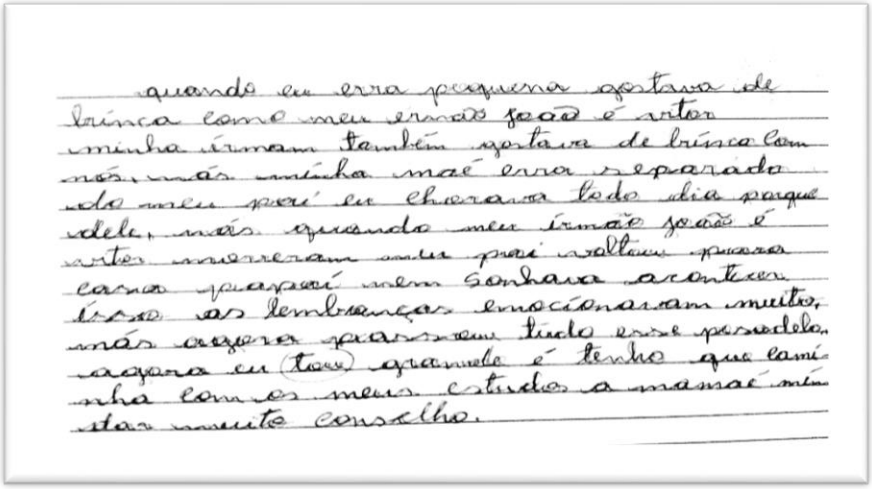

quando eu erra pequena gostava de
brinca como meu erman João é outro
minha irman também gostava de brinca com
nós, más minha mae erra separado
do meu pai eu chorava todo dia porque
dele, más quando meu irmão João é
outro morreram meu pai voltou para
casa pra pai nem sonhava acontecer
isso as lembranças emocionaram muito,
más agora passaram tudo esse pesadelo.
agora eu (tou) grande é tenho que cami-
nha com os meus estudos a mamae mim
das muito conselho.

FIGURA 6: Texto 17 com o título “Minha família”

Durante a leitura, foi encontrado alguns trechos dentro da narrativa, onde o aluno deixa de mencionar as consoantes como por exemplo o “**tava**” ao invés de “**estava**” e “**tou**” ao invés de “**estou**”, sendo que ao escrever o aluno utiliza reduções de palavras.

Segundo o pensamento de Bortoluzzi e Cristofolini (2013, p. 119) “a omissão de letras é verificada quando o aluno escreve uma palavra omitindo um fonema ou um grafema. Um exemplo pode ser a palavra “estar”, escrita pelo o aluno como “tar””. Percebe-se, que muitas vezes as reduções de palavras aparece muito na fala, e que ao escrever o aluno traz para escrita as marcas da oralidade.

g) Troca de vogais.

Neste dois textos, 3 e 13, ao ler e analisar foram encontradas dentro das narrativas as troca de vogais como por exemplo: Tumava e Cumendo. E demonstraram que a troca de letras por outra em textos escritos pelos alunos são desvios decorrente de fatores fonológicos, significando a transferência da fala para a escrita.

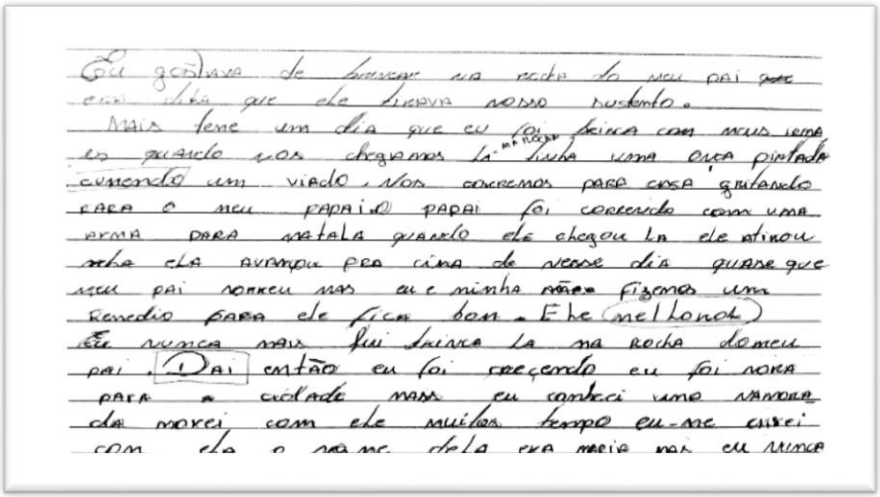


FIGURA 7: Texto 13 com o título “Contando minha vida passada"

Constatou-se que no decorrer da narrativa foram encontradas as trocas de vogais, como por exemplo: “tumava” e “cumendo”, sendo que ao construir seu texto o aluno inconscientemente transfere o texto falado para o texto escrito.

Segundo Nobile e Barrera (2009, p. 50) afirma que “o trabalho sistemático com determinadas categorias de palavras mais sujeitas a esse tipo de erro, como aquelas onde a letra representa o som de /i/ e /u/ mas escreve-se, respectivamente, /e/ e /u/”.

Portanto, os textos analisados apresentavam as marcas da oralidade, sendo que essas marcas são comuns aparecer em textos escritos dos alunos de ensino fundamental, levando em consideração que o aluno está em constante aquisição e consolidação do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos levantamentos feitos neste trabalho ficou evidente que marcas de oralidade permeiam a escrita dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Tancredo Neves. Nesta perspectiva, é importante destacar que a oralidade não deve ser relegada a segundo plano no ensino da Língua Materna na escola.

Faz-se necessário então, que tanto as instituições educacionais quanto os professores de Língua Portuguesa reflitam e reconheçam a heterogeneidade da língua, quer seja ela oral, quer seja ela escrita e proporcionem aos educandos nas aulas de português o pleno desenvolvimento da capacidade e da competência linguística em todas as suas modalidades.

Vale ressaltar ainda que este trabalho não quer fazer críticas aos professores de português nem apologia ao fim do ensino da gramática, pois acredita-se que ambos níveis

de ensino da Língua portuguesa são essenciais para tornar o educando um falante e um escritor eficiente da Língua Materna.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceitos linguísticos: o que é, como se faz**. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

BENVENISTE, E. **Estrutura das relações de pessoa no verbo**. In: Problemas de Linguística Geral I. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.

BORTOLUZZI, Bianca Móra & CRISTOFOLINI, Carla. **Oralidade e a aquisição da linguagem escrita dos alunos em uma escola pública.** Revista Acadêmica de Letras-Português. Universidade Federal de Santa Catarina, OUX, n. 01, 2013/2.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Análise e diagnose de erros no ensino da língua materna**. In: BORTONI-RICARDO, S. M. Nós cheguemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa.** Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística.** 6. Ed. São Paulo: Scipione, 1993.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia.** 8ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Seria a língua falada mais pobre que a língua escrita?** *Impulso*, v. 12, n. 27, pp, 59-72, 2000.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004

ELIAS, Vanda Maria. **Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura.** Vanda Maria Elias (org.). São Paulo: Contexto, 2011.

FÁVERO, Leonor; ANDRADE Maria Lúcia; AQUINO, Zilda, G. O. Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo, Cortez, 2009.

GRAFF, Harvey J. **Os Labirintos da Alfabetização.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. *apud* MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LEAL Telma Ferraz. BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. MELO, Juliana Lima. **O oral como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos?** In: LEAL, T. F.; GOIS, S.

(Org.). A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio & DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita.** Edição 1 – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

NOBILE, Gislaine Gasparin & BARRERA, Sylvia Domingos. **Análise de erros ortográficos em alunos do ensino público fundamental que apresentam dificuldades na escrita.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 36-55, ago. 2009.

PETTER, Margarida. **Linguagem, língua, linguística. In:** FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística.** 6ª ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix / Edusp, 1969.

SILVA, Joseane Nascimento Lima da. **Marcas da oralidade na escrita: um estudo reflexivo das produções textuais dos alunos da 5ª série, da Escola Estadual Edeli Mantovani.** Revista Eventos Pedagógicos. V.3, n.1, Numero especial, p. 426 – 436, Abr. 2012.

SOUZA, Dirceneia do Carmo Ribeiro; FRAGA, Dirnecéia das Graças de Paiva; ABREU, Elisa de Andrade; SOARES, Maria da Penha & RODRIGUES, Miriam Cássia. **Guia teórico do alfabetizador.** *Apud* LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador.** São Paulo: Ática, 1988.